

# "Der Spiegel" denuncia banditismo armado

N. 2/12/87

## ♦ São moçambicanos inimigos de Moçambique

O jornal «Der Spiegel», que se publica em Berlim (Occidental), divulgou recentemente um longo suplemento sobre a República Popular de Moçambique, abordando aspectos sobre a presente situação militar, económica e social do nosso País.

Destaque especial é dado por aquele jornal aos massacres, sabotagens e arbitrariedades dos bandidos armados, a quem o «Der Spiegel» chama de «moçambicanos inimigos de Moçambique».

Aquele jornal de Berlim (Occidental) relata as condições em que vivem centenas de pessoas mantidas à força em acampamentos dos terroristas ou em zonas próximas das fronteiras, em particular com o Malawi.

«Conseguem manter o povo (nos seus acampamentos) porque precisam dele como produtor de bens alimentares. O povo é propriedade sua, nesses seus territórios de escravatura» — sublinha o «Der Spiegel».

Referindo-se ao clima de terror e pilhagem imposto aos camponeses, que se refugiam em países vizinhos, o «Der Spiegel» cita o caso do Malawi, afirmando que «a décima parte de tudo o que os camponeses comercializam no Malawi — milho, mandioca, banana e papaias — é confiscado pelos bandidos armados».

No mesmo artigo, o autor descreve pormenores do dia-a-dia dos camponeses mantidos em cativeiros pelos bandidos, demonstrando o terror e o medo em que vivem.

«As mulheres vivem de olhos esbugalhados, deixando antever que preferiam transformar-se em árvores. Os homens nos campos e as crianças em frente das cabanas têm de colocar-se em sentido sempre

que passe por eles um homem armado» — diz o «Der Spiegel».

Mais adiante, o articulista afirma que os camponeses nas mãos dos bandidos vivem pensando em como fugir para regiões seguras, citando o exemplo do campo de deslocados de Muandza, na província de Sofala, habitado por camponeses libertados dos bandoleiros.

«No campo de refugiados de Muandza, na província de Sofala, 3 097 camponeses buscam refúgio. Na maior parte trata-se de mulheres e crianças. Vivem extremamente necessitados, na miséria absoluta, mas não podem, nem recordar, o martírio que os marcou» — escreve o jornal, que cita o depoimento de um jovem de 29 anos, afirmando:

«Enquanto estivemos com eles, fomos obrigados a trabalhar para eles, a lutar e a morrer, obrigaram-nos a entregar-lhes as nossas mulheres. Para eles, as crianças nem uma bala mereciam. Quando as crianças choravam, eles atiravam-nas contra as árvores, como se fossem galinhas, até que as cabeças ficassem esmagadas».

Ao referir-se às causas da guerra de desestabilização que assola o País, o jornal descreve o papel da África do Sul como factor de instabilidade na região.

«As dificuldades que os «boers» enfrentam tanto no próprio país, como no resto do mundo, não assentam no dogma do «apartheid», mas sim na sua própria filosofia, segundo a qual o comunismo está a atacar a África do Sul» — afirma o articulista.

«Por isso» — conclui — «importa (para a FAS) liquidar Moçambique e os seus vizinhos aliados».